

Teko Porã e ReAntropofagia

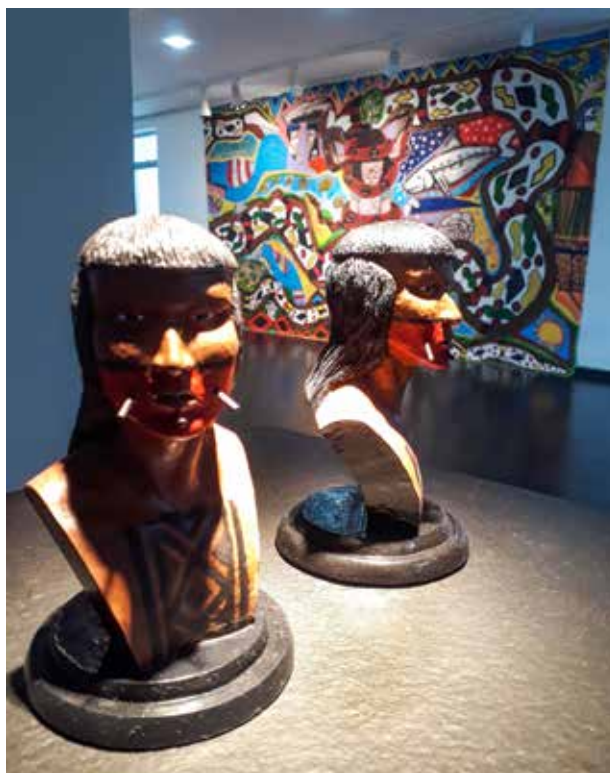
ReAntropofagia: Centro de Artes UFF de 24 de abril a 28 de maio de 2019

Teko Porã: Centro de Artes da UFF, 24 a 30 de abril de 2019

Anderson Arêas

Em guarani – uma das 274 línguas presentes no país¹ – Teko Porã refere-se ao Bem Viver em comunidade. Em 2019, declarado pela Unesco o Ano Internacional das Línguas Indígenas, Teko Porã foi o evento que ocorreu no Centro de Artes UFF (Niterói), de 24 a 30 de abril, em que se apresentou a riqueza da cosmovisão e expressividades indígenas no Brasil. Com curadoria de Denilson Baniwa² e Pedro Gradella, a diversificada programação trouxe importantes lideranças indígenas, como Daniel Munduruku, Eliane Potiguar e Davi Kopenawa, fortalecendo debates em torno da questão indígena contemporânea, suas lutas pela vida na terra e suas próprias visões a respeito do contemporâneo. Para o artista Jaider Esbell Makuxi (ganhador do Prêmio PIPA online 2016), há um sistema próprio de arte indígena no qual os sentidos e as dimensões ainda estão mal compreendidos. Segundo Makuxi, “indígena e arte são de origem comum e indissociável. Aceitar essa sentença adianta o entendimento”.³

A exposição ReAntropofagia permaneceu na galeria do Centro de Artes UFF de 24 de abril a 28 de maio de 2019. Apresentou-se como um Manifesto e um marco na história da arte no Brasil, pois, segundo as palavras de Denilson Baniwa, essa foi a primeira exposição com curadoria feita por um indígena e realizada somente com artistas indígenas no Brasil. No texto dos curadores, 91 anos após à divulgação do “Manifesto An-



Aredze Xukurú, escultura; ao fundo: Bane Huni Kuin, Mana Huni Kuin e Isaka Huni Kuin, *Nai mǎpu yubekã*, 2014, acrílica sobre tela. Foto: Anderson Arêas

tropófago” (1o de maio de 1928), de Oswald de Andrade, Baniwa e Gradella dizem:

aqueles que descendem dos antigos antropófagos de Pindorama, vêm a público falar que daquele fundo do mato-virgem, de uma preguiça repetida por aquela antropofagia que uniu apenas aqueles que tornaram a Nossa História na voz de Mario de Andrade ressurge a ReAntropofagia, um Manifesto, um grito de urgências sobre a arte produzida pelos povos originários, quebrando assim séculos de silenciamento e exotização dos que sempre estiveram aqui.

ReAntropofagia se afirmou contra a invisibilidade e o extermínio e a favor da visibilidade, da difusão e da coexistência entre os mundos da ancestralidade e da contemporaneidade. Um pa-



Daiara Tukano, *Série Hóri*, acrílica sobre tela
Foto: Anderson Arêas



Moara Brasil, *Série Sagrado Feminino*, 2017, colagem; à direita: Naná Kaingang, Hawe Dau Tibuya, colagem.
Foto: Anderson Arêas

norama da produção indígena contemporânea que reuniu artistas de diversas etnias vindos da floresta, do agreste, do campo e do concreto, em variados suportes: pintura (Daiara Tukano, We'e'ena Tikuna, Laríci Morais, Denilson Baniwa, MAHKU), escultura (Aredze Xukurú), colagem (Moara Brasil, Naná Kaingang), desenho (Jaider Esbell Makuxi), videoperformance (Gustavo Caboco), fotografia (Sallisa Rosa, Edgar Kanaykô Xakriabá), vídeo (ASCURI Brasil), clipe (banda Androyde Sem Par) e o curta de animação Konã-gxeka: dilúvio Maxakali (Pajé Filmes).

Jaider Esbell Makuxi (de Roraima) expôs sua série de 16 desenhos em branco sobre fundo preto intitulada *It Was Amazon*, denunciando os abusos sobre sua terra de origem.

Nas belas colagens de Moara Brasil (do Pará) e Naná Kaingang (nascida no Paraná), pôde-se ver como Moara trabalha a sabedoria da pajelança cabocla feminina⁴ na Amazônia e como Naná propõe possibilidades de integração quebrando a insensata dicotomia "índio x cidade" criada pelos não indígenas.

Na videoperformance de Gustavo Caboco (nascido em Curitiba, PR), o artista- indígena expõe seu corpo como memória, misturando-se à paisagem e à terra, evocando a marca dos corpos indígenas contemporâneos que estão sempre em

deslocamento, como sua mãe, Wapichana (de Roraima), que aos dez anos desceu como um rio até chegar ao sul e só pôde retornar à terra de origem 33 anos depois.

NOTAS

1 Os resultados do Censo de 2010 mostram 274 línguas indígenas e 305 etnias no Brasil. As palavras de língua indígena presentes nesta resenha não estarão, portanto, em itálico, considerando que seria um equívoco tratá-las como "idiomas estrangeiros". Só estarão em itálico os títulos das obras e os idiomas realmente estrangeiros, como indicam as diretrizes para autores desta revista.

2 Indígena do povo baniwa, nascido na região do Rio Negro, no Amazonas, vive e trabalha em Niterói, RJ. É artista visual, ilustrador, *designer* e um dos criadores da Rádio (*web*) Yandê (primeira rádio indígena do Brasil). É o único artista indígena indicado ao Prêmio PIPA 2019.

3 Esbell Makuxi, Jaider. *Arte indígena contemporânea e o Grande Mundo*. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2018/06/14/territorios/>.

4 Sabe-se que entre as comunidades tradicionais indígenas, a pajelança é geralmente exercida por homens. As primeiras pajés mulheres são recentes e estão na etnia Yawanawá (Acre).